

Instantes Cruzados

Episódio 8

Retratos da Escravidão

Fotografia de Christiano Jr

Fotógrafo convidado: Ripper

Direção Sergio Bloch
Roteiro Betânia Furtado
Apresentação Milton Guran
Produção Ocean Films

MILTON GURAN, em primeiro plano, fala para câmera.

GURAN: A fotografia, primeira imagem técnica que surgiu, transformou o mundo. Hoje, que vivemos na civilização da imagem, é difícil pensar que há pouco mais de 150 anos, nada disso existia. No nosso programa nós selecionamos, para cada episódio, uma imagem emblemática da história do Brasil e convidamos um fotógrafo para se inspirar nela. Vamos juntos viver a magia da fotografia e do fazer fotográfico.

[Sala]

GURAN: Hoje nós vamos tratar da obra de Cristiano Júnior, fotógrafo português que se estabeleceu no Rio de Janeiro por volta de 1860, e que produziu o mais significativo conjunto de retratos de africanos escravizados na cidade do Rio de Janeiro. O olhar daquele africano escravizado atravessa os 150 anos que nos separam para chegar até nós se comunicando diretamente. Para dialogar com a obra do Cristiano Júnior, nós convidamos o nosso colega e amigo João Roberto Ripper. E aí, Ripper?

RIPPER: Tudo bem, Guran?

GURAN: Então, Ripper, você é um fotógrafo, documentarista, humanista, formado na boa escola do fotojornalismo; foi da luta democrática, O Globo; montou a sua própria estrutura, Imagens da Terra. Mais tarde, você se engajou no trabalho importantíssimo que foi o Imagens do Povo e a Escola de Fotógrafos Populares, exatamente para diluir o outro tipo de escravatura, que é a escravatura da imagem, ajudar a capacitar as pessoas das comunidades a produzirem a sua própria imagem. Há quase 40 anos, você documenta trabalho escravo no Brasil. Então, Ripper, como é ser fotógrafo engajado no Brasil?

RIPPER: Acho que, para você fazer um trabalho comprometido com os direitos humanos, é um trabalho para mudança, para o melhor

da situação da maioria das pessoas. E esse processo você vai aprendendo no decorrer da tua vida. Eu trabalhei em vários jornais e fui começando também a entender como eram vistas e mostradas aquelas pessoas, muitas vezes com as suas histórias deixadas de lado. Eu acho que uma das questões cruciais é que o trabalho escravo, ou análogo a escravo, continua a existir no Brasil. Agora, quem documenta isso tem que ter um cuidado e entender muito que o trabalho que você faz documentando tem que mostrar que aquelas pessoas que estão sendo documentadas não podem se transformar em números. Mas que aquelas pessoas têm rosto, que aquelas pessoas têm história, que aquelas pessoas são capazes de amar. Porque, na verdade, você tem que ser um elo de bem querer entre quem você fotografa e quem vê a imagem. De forma que quem vê a imagem passa a querer bem o fotografado e a sua causa. As pessoas, quando a gente vê estereotipadas, é porque, na verdade quando se repete uma coisa, só uma notícia, e repete ela, e repete ela, e repete ela e só ela, você acaba transformando as pessoas naquela única história.

GURAN: E o seu trabalho, de certa maneira, quebra esse círculo vicioso e conta uma nova história. Imagens Humanas. Bota imagem nessa nova...

RIPPER: Então, Imagens Humanas. Se você... Aqui, Guran. Essa capa. São índios guarani kaiowás que eram escravizados numa usina, Mato Grosso do Sul. Quando a fiscalização estava sendo feita e a usina teve que parar, eles correram para jogar o futebol. E são pessoas normais jogando futebol. Porque são pessoas normais que são escravizados, com as suas belezas, igual as belezas que a gente vê em todo mundo. E se você pegar algumas histórias... Essa foto, ela inclusive passa a ser divulgada por organizações de direitos humanos internacionais, como a Unicef, mas o sonho dele era ser jogador de futebol.

GURAN: Como todo menino. E é um menino carvoeiro, não é isso?

RIPPER: Ele é um menino carvoeiro no Mato Grosso do Sul. Essa foto aqui...

GURAN:...carteira de trabalho.

RIPPER:...eu entrei lá e o dono da fazenda disse que não assinava a carteira dos funcionários dele porque ninguém tinha carteira. E aí consegui ficar alguns dias lá, eu perguntei: Seu Ananias, vocês não têm carteira? Ele falou: não, todos temos carteira. Eu falei, essa foto era importante para mim. Então essa foto também correu como denúncia disso. E aí a gente chega nessa história aqui, da dona Olga...

GURAN: É pungente, é uma cena assim, de carinho.

RIPPER: Agora, a dona Olga, Guran, ela criou os quatro filhos, quando o quarto filho nasceu, o marido pulou fora. Ela continuou até botar os filhos em condição de ir para a universidade. Aí depois se apaixona pelo seu João e vai viver seu grande amor, uma coisa difícil de você encontrar em qualquer pessoa. Ela acaba praticamente cega, ela enxergava muito pouco, e mesmo assim, quando ele diz para mim que achava que não tinha mais sonho, ela bate no ombro dele e diz: que é isso, João? Nós ainda vamos ter nossa casinha.

GURAN: Aqui eu tenho um dos trabalhos mais interessantes sobre registro de africanos escravizados no Brasil, que é a coleção de rostos feitos pelo Rugendas. Então aqui você tem por etnia, que era a forma que eles classificavam; você tem mais jovens, mais velhos, homens e mulheres.

RIPPER: Bom, primeiro, fantástico, a pintura desses viajantes. Acho que é um trabalho belíssimo, mas é o seguinte: é uma pintura. Você não tem a prova...

GURAN: Não sabe se ele existiu...

RIPPER:...se ele realmente existiu, qual o nome dele. Qual o olhar dessa pessoa. Entra aí a questão da importância do documento.

GURAN: E volta o Cristiano. Volta o Cristiano, a importância do Cristiano, quando ele fez retratos como esse. O olhar desse homem atravessou o século e meio que nos separa no tempo, e chegou até aqui.

RIPPER: Essa foto é muito expressiva, né?

GURAN: Bom.

RIPPER: Acho que a questão muito forte aqui é que ele traz pessoas para representar o seu trabalho, então eram escravos...

GURAN: Escravos de ganho.

RIPPER: Exatamente. Escravos de ganho.

GURAN: Olha, Ripper, eu fiquei muito tocado quando você elogiou essa foto da capa, porque a foto da capa, Ripper, é exatamente a foto do desafio.

RIPPER: O desafio, ele está feito. Agora, eu acho que é perfeitamente válido poder, a partir dessa busca, desse desafio, conversar sobre como é, o que que é documentar; como

é que você coloca a tua intenção de artista, tua expressão da tua personalidade dentro de um trabalho; como poder ter uma foto que dialogue com essa, e em que ela se prenda, a questão da denúncia contra a escravidão e contra as opressões.

[INTERVALO]

[UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO]

MAURÍCIO: Eu estava no Capanema, no Ministério, fazendo notícia sobre arquitetura, daqui a pouco toca o telefone. Era Paulo César Azevedo, meu amigo que estava no arquivo do Iphan, dizendo: cara, você tem que subir; sobe rápido para ver o que eu descobri. Era um bando de *carte de visite*, amarrado num elástico, no fundo de uma gaveta do Patrimônio Histórico. Eram fotografias que a gente nunca tinha visto em lugar nenhum. Era um total mistério, um fotógrafo que não se conhecia. E aí a gente começou a correr atrás. Quem é esse fotógrafo, de quando é essa fotografia, por que que ele fez isso. Até que a gente descobriu a história toda ou quase toda. Era um fotógrafo português chamado Cristiano Júnior, tinha nascido nos Açores e tinha vindo primeiro para Alagoas, e depois para o Rio de Janeiro onde ele trabalhou por uns dois, três anos, depois foi embora para o Uruguai, para Argentina. E lá se tornou um fotógrafo muito famoso. Pra gente foi uma revelação, porque a gente nunca tinha visto escravos daquele jeito. Esse escravo urbano, esse escravo de ganho, que vivia pelas ruas, prestando serviço, vendendo coisa na feira, era o escravo da viúva, era o escravo da família de classe média, era o escravo que dormia no porão da casa, hoje em dia substituído pelo quarto de empregada. E tinha uma expectativa de vender isso para turista. Uma lembrança do Rio de Janeiro, que era naquela época praticamente uma cidade africana. O que é mais incrível é que, há poucos anos, a gente soube que, finalmente, pelo menos um americano comprou essas fotografias no Rio de Janeiro. E ele compra fotografias, ele publica um artigo nos Estados Unidos, em uma revista com algumas fotografias, acho que meia dúzia das fotografias do Cristiano. E elas funcionam como propaganda do Brasil.

RIPPER: Como pode vir para cá e escravizar.

MAURÍCIO:...pode vir para cá porque no Brasil ainda tem escravidão.

RIPPER: Agora uma coisa que eu... é legal te ouvir, que eu tenho pensado muito é que várias vezes os olhos das pessoas...

MAURÍCIO:...exatamente.

RIPPER:...é o que tira, o que coloca eles como protagonistas.

MAURÍCIO:...exatamente. Esse olhar não é um olhar educado da pessoa, do *carte de visite*. Modesto, que o sujeito olha meio de...três quartos.

RIPPER:...pro lado.

MAURÍCIO: Esse olhar dirigido frontalmente é a dimensão, digamos, subversiva dessa foto...

RIPPER:...dessa história, que é a resistência.

MAURÍCIO: Teve gente que dizia: "eu não gosto desse livro porque está parecendo que a escravidão era uma coisa digna". A gente tem que dizer: "não, mas a dignidade não é da escravidão, a dignidade é das pessoas".

RIPPER:...sim, das pessoas.

MAURÍCIO: É isso que você está vendo nesse livro.

[]

PADRE: Aqui nós estamos no século XIX, o Brasil vivia uma situação de vergonha internacional. Era um dos poucos países do mundo ocidental que não tinha libertado os escravos. Só em 1850 que ele, o Brasil, pára o tráfico negreiro porque havia ameaças inglesas, e há um movimento pela libertação dos escravos que começa a ser, ficar mais forte. Neste contexto de um movimento pró-abolição da escravatura, há um homem fotografando e vendendo imagem de escravos. Ele era apenas um aproveitador desse crime, apresentando o exótico, ou era também um caminho de dizer: "olha, o Rio de Janeiro tem escravidão"? Você tem aqui um trabalho etnográfico de costumes de época. A identidade do escravizado é estar descalço. Tem umas mulheres com roupas boas, arrumadas. Deve ser essas que trabalhavam nas casas. E aqui é uma foto interessante porque, de um lado, é um homem pobre, um escravo, mas tem um chapéu bem bonito, tem um cigarro na mão e uma corrente que parece que é um relógio, como se tivesse duas classes de escravos. Esse fotógrafo, ele me lembra o Debret. Porque Debret fez um trabalho fantástico, etnográfico. Você tem o Rio de Janeiro e o Brasil do século XVIII, início do século XVIII, representado nas gravuras dele. Você sabe como escravos apanhavam, sabe como se vestiam, como andavam.

RIPPER: Quando você compara com o Debret, Debret, junto ao trabalho dele, que conta uma história de como foi uma época, um posicionamento pró-escravidão. Eu acho que, infelizmente, a gente está vivendo um quadro onde volta a crescer um movimento de...

PADRE:...escravização de pessoa.

RIPPER: Quer dizer, vamos colocar a comida como sendo parte do salário. Na verdade, eles usam isso para retirar o ganho do trabalhador. Retira tanto que é maior do que o que ele tem a receber, e fica essa escravidão por dívida ou renda. Então, eu hoje estou muito, muito preocupado e acho que ainda vejo esse traço e esse olhar, só que com dignidade, muito forte, porque esse olhar aqui é a resistência dele a ser coadjuvante.

[INTERVALO]

[QUILOMBO DO CAMPINHO DA INDEPENDÊNCIA - PARATY - RJ]

FÁBIO: Aqui é como se fosse o centro da comunidade. Aqui é a escola municipal do Campinho, a Igreja São Benedito, nós temos a Casa de Artesanato, a qual a dona Madalena construiu, nós temos a sede...

RIPPER:...da Associação...

FÁBIO:...da Associação dos Moradores do Quilombo.

RIPPER:...e o posto de saúde.

FÁBIO: e temos o posto de saúde, que é a tia Bernarda, que é uma das filhas...

RIPPER:...das três mulheres.

FÁBIO:...das três mulheres.

RIPPER: Esse tipo de trabalho que eu faço, ele perde muito tempo, porque você tem que acompanhar a pessoa até que a pessoa te aceite ali, e você possa ficar transparente. E aí começa a pegar as cenas mais naturais. As pessoas são muito mais importantes que a foto.

FÁBIO: O Campinho tem uma magia muito bacana que é questão da família, porque a família, ela é muito recente para a gente. Para nós, povo preto assim, para nós, quilombola, porque a gente não podia ter família. Então a nossa relação como família é muito recente. Começou com seu Valentim, com o pai do seu Valentim, na verdade. Eu estou falando de três gerações atrás, assim.

ANA: Eu acho que tem um pouco também, Fabinho, da questão das três mulheres não terem se separado.

FÁBIO:...não ter se separado.

ANA: O navio negreiro chegava, e eles já tratavam de afastar, um para cada lugar. E a gente teve essa oportunidade de ter as duas irmãs e uma prima...

FÁBIO:...e uma prima, que já era uma família.

ANA:...então já era uma família. Vieram bem pequenas para cá, e de lá para cá a família só fez crescer.

RIPPER: Aqui, além das lideranças mais antigas, homens, vocês tem uma importância enorme da participação da mulher, desde ser as três mulheres que ficaram...

ANA:...que iniciaram a história...

RIPPER:...que eram escravas e depois passam a ser protagonistas da conquista do território, da passagem do quilombola.

ANA: Acho que a gente herdou isso das três mulheres, essa força. E a gente ouve falar, assim das mais velhas, quando os homens tiveram que sair daqui para trabalhar no Rio ou em Santos, embarcado. As mulheres ficavam aqui. Elas não ficavam aqui de braços cruzados. Elas tinham que ir para a roça, ir para a lida, cuidar dos filhos, fazer farinha, plantar milho, feijão.

FÁBIO: A mulher tocava a comunidade.

ANA: Tocava a comunidade, enquanto os homens estavam fora, na busca do recurso para pagar advogado, para ter um título da terra, a segurança da terra.

RIPPER: Fabinho, fala um pouquinho aí do teu tio, o seu Valentim.

FÁBIO: Então, o seu Valentim é uma grande liderança, e não só do quilombo, é uma grande liderança de Paraty. Vamos ver se ele está aí?

RIPPER: Vamos lá. Seu Valentim, o senhor nasceu aqui, né?

VALENTIM: Nasci aqui.

RIPPER: Sua mãe também? Era daqui?

VALENTIM: Isto, isto. A minha bisavó que veio de fora, chamava-se Luiza.

RIPPER: Tinham três mulheres, que viviam trabalhando na

fazenda.

VALENTIM: Na Fazenda da Independência. E a história diz que elas ficavam tomando conta das crianças dos doutores, das professoras, sabe? Lavando roupa. Ser escravo não é só o trabalho, é a maneira que se trabalha, a maneira do que ganha. Se ganhava uma merreca, às vezes nem ganhava. Às vezes ganhava só comida, só. A roupinha. Gente pobre não precisa viver no luxo, não precisa ter sapato no pé. É pobre, é pessoa sem direito. A escravidão acabou no modo de dizer, mas ela não acabou porque os pequenos, que não tinha nada, tinha que trabalhar para eles que era o mais estudado. Ninguém estudava.

MADALENA: Eu cresci aqui. Quando fiquei com 10 anos, eu fui pro Rio. Trabalhei no Rio, na casa da dona Filhinha, na Rua João Rodrigues. E vinha, minha mãe não deixou eu voltar mais. Aí eu quis ficar com ele. Ele pediu o casamento a minha mãe, a minha mãe não quis. Aí eu falei para minha mãe: "Mãe, não é a senhora que vai casar com ele, sou eu. O que acontecer, acontece comigo". Aí eu vinha com ele, combinei com ele e vinha com ele.

RIPPER: E o senhor tem uma esposa carinhosa até hoje, não é?

VALENTIM: Graças a Deus, né? Graças a Deus.

RIPPER: Eu acho que é o grande encanto que eu tenho na vida, que é aprender com essas populações.

RIPPER: O senhor levava farinha até lá? Até a cidade?

VALENTIM: Paraty?

RIPPER: É.

VALENTIM: Todo mundo. Nas costas. Ah, levava...naquela época levava 50 quilos, por baixo.

RIPPER: Às vezes as pessoas dão apoio pelo sentimento de pena. Agora quando você passa a ver as pessoas como iguais, e aprender isso dentro de um processo de tanta exclusão, você passa a reconhecer a beleza deles. Essa beleza é como eles são, não precisa mais criar nada.

RIPPER: Eu vou deixar pra vocês uma foto dos dois, tá?

MADALENA: Posso dar uma gargalhada?

RIPPER: Pode. Deve.

RIPPER: Então a gente sai de, antes, de uma cultura da qual a

gente tem que aprender muito, e que tem as diferenças da gente. E aí você tem que aprender também, com eles, como eles gostariam de se ver, como são as suas histórias. Isso eu acho que é, talvez, a essência, do trabalho de um documentarista, quando ele consegue, através da sua foto, ajudar aquelas pessoas que recebem essa informação, passam aquele bem. Não só as pessoas que estão ali, mas aquela causa.

[ESCRITÓRIO DO GURAN]

GURAN: E aí, Ripper, como é que foi esse desafio?

RIPPER: Documentar uma pessoa escravizada e conseguir um olhar propositivo, como é o do Cristiano Júnior naquela foto, daquele escravo, o meu trabalho maior acho que foi justamente esperar uma foto que desse dignidade. Essa era a grande busca, e não era uma grande foto, mas era uma foto com dignidade. E lá no Quilombo Campinho eu peguei outra preciosidade: seu Valentim, 94 anos, quilombola, casado com Dona Madalena, uma graça de pessoa. E foi assim um desafio mesmo conseguir pegar um momento bastante doce, onde estivesse com o rosto sereno. Então, eu acho que eu consegui uma foto onde ele está, assim, protagonista, tem uma certa cumplicidade comigo e aponta, olha bem para mim, encara e acho que essa foi a foto que mais significou.

GURAN: Vamos ver?

RIPPER: Vamos ver?

GURAN: Ah, sem dúvida. Muito bonito, Ripper. Realmente, ele tem uma grande serenidade.

RIPPER: Então, eu esperei bastante esse olhar dele. E eu achei que essa foto, ela é bem simples mas ele aí é o dono do espaço dele.

GURAN: E a foto tem uma característica que age de maneira quase subliminar: a mão dele em primeiro plano, segurando esse bambu, que barra a nossa vista, que barra o espaço dele. É como se fosse, assim, simbolicamente as barreiras que foram vencidas e as barreiras que ainda tem para vencer.

RIPPER: E ao mesmo tempo uma certa defesa de quem chega lá, né? Porque embora eles...

GURAN: Também, também.

RIPPER:...não sejam mais escravos, eles tiveram uma luta fantástica e ele foi uma das pessoas mais importantes na história da luta, a comunidade queria ele.

GURAN: Deixa eu ver a foto do Cristiano aí.

RIPPER: O que me marcou, e o que eu lembrava sempre fotografando, Guran, é isso.

GURAN: Ele se tornou protagonista pelo olhar.

RIPPER:...por esse olhar.

GURAN: Existe uma coisa ainda que aparece nas duas fotos: é uma grande serenidade. Quer dizer, esse, que é um escravo, descalço, tem uma grande serenidade diante de toda a situação; e esse, que é descendente de escravos, já calçado, com a sua sandalhinha com a bandeirinha do Brasil, defendendo a sua terra, ele também tem uma grande serenidade. É uma bela foto, Ripper. Faz jus a toda essa trajetória que você tem de fotografia social, de defesa de direitos de minorias e oprimidos e dessa luta incessante contra o trabalho escravo que fez de você uma lenda viva da fotografia brasileira.

RIPPER: Obrigado, obrigado. Tem uma coisa para mim que marca: às vezes você tem que ter um cuidado. Eu fiz várias fotos, uma foto podia ser esteticamente mais espetaculosa...eu acho que o mais difícil é você buscar exatamente essa coisa onde a pessoa está digna, está tranquila, está serena.

GURAN: Olha, Ripper, você não só venceu o desafio como você deixou para nós mais uma lição de vida pela maneira com que você abordou o tema e a forma como você editou o material. Parabéns! Muito obrigado, Ripper.

RIPPER: Eu que te agradeço.

GURAN: É isso aí. Instantes Cruzados traz sempre um novo desafio. Até o próximo programa.